

ANDRÉ SENA

MÚSICA E TECNOLOGIA- TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS:
UM PEQUENO ENSAIO SOBRE A ATUALIDADE DESSA RELAÇÃO BASEADO
NAS FESTAS QUE FAZEM REVIVER OS ANOS 80

Rio de Janeiro

2005

MÚSICA E TECNOLOGIA- TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS:
UM PEQUENO ENSAIO SOBRE A ATUALIDADE DESSA RELAÇÃO BASEADO
NAS FESTAS QUE FAZEM REVIVER OS ANOS 80

André Sena

UFRJ- Graduação em Comunicação Social
Habilitação em Jornalismo

Orientadora: Ieda Tucherman
Doutora em Comunicação Social

Rio de Janeiro

2005

Música e tecnologia- tendências contemporâneas: um pequeno ensaio sobre a atualidade dessa relação baseado nas festas que fazem reviver os anos 80.

André Sena

Monografia submetida ao corpo docente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Aprovada por:

Prof. Ieda Tucherman- Orientadora
Doutora em Comunicação e Cultura

Prof. Maria Helena R. Junqueira
Doutora em Comunicação e Cultura

Prof. Fernando Mansur Barbosa

Data: 13/07/2005

Nota: _____

Rio de Janeiro
2005

SENA, André.

Música e tecnologia- tendências contemporâneas: um pequeno ensaio sobre a atualidade dessa relação baseado nas festas que fazem reviver os anos 80.

Monografia (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação Social- ECO, 2005.

Orientadora: Ieda Tucherman

1. Música. 2. Tecnologia. 3. Comunicação. I. Tucherman, Ieda (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. III. Título.

DEDICATÓRIA

À minha família que, apesar da distância, esteve sempre por perto e nunca deixou de acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo orgulho que demonstra a cada conquista e pelo apoio, muitas vezes expresso em lágrimas, cada vez que eu deixava a minha cidade: *um verdadeiro fado...*

À minha tia Deidi, força e luz, sempre me mostrando o melhor caminho e ensinando como agir com calma nos momentos de maior turbulência, ao ritmo tranquilo da *bossa-nova.....*

À Vivian, o melhor presente que eu ganhei nestes últimos 4 anos e que espero preservar pelos próximos 40, no mínimo, com muitos papos construtivos e *rock-and-roll...*

À minha irmã Christiane, meu sobrinho Cadu, meus lindos primos Thais e Vitor e à minha avó Nancy, pelos momentos maravilhosos e inesquecíveis que tornaram meus finais de semana mais agradáveis e deram um ritmo ainda mais latino à minha vida.

À Fernanda, minha irmã, esposa, amiga e mãe que, nestes quatro anos, me fez dançar conforme a música e me permitiu enxergar de diferentes formas as belezas da vida.

À Renata e Luciana, que iniciaram comigo a festa ao som dos mais diversos ritmos que, embora muitas vezes divergentes, tornaram os meus dias e noites inesquecíveis nos 2 anos em Niterói...

Ao meu pai que, ao seu modo, me ensinou os primeiros passos...

Ao Alberto, que segue me ensinando a dançar conforme a música...

Aos novos amigos, em especial à Fabíola, que com carinho tem me tirado para dançar nos diferentes bailes da vida...

À Nathália e Júnior, meus amigos de longa data que, ainda hoje, seguem o meu ritmo e confiam no compasso da minha música, ao mesmo tempo em que me fazem acreditar que as diferenças realmente atraem..

À professora Maria Helena Junqueira que, com algumas aulas, me apresentou um novo mundo e me permitiu acreditar mais nos meus sonhos e a criar as minhas melodias...

À Ieda Tucherman, pelo apoio e confiança que demonstrou em mim e pelas idéias que me apresentou: nota fundamental nas minhas composições musicais, tem me feito acreditar diariamente que a música não pode parar...

SENA, André. Música e tecnologia- tendências contemporâneas: um pequeno ensaio sobre a atualidade dessa relação. Orientadora: Ieda Tucherman. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2005. Monografia (Graduação e Comunicação Social com habilitação em jornalismo).

RESUMO

Estudo das novas tecnologias atuando na sociedade e, mais especificamente, na música, transformando a maneira do homem produzir, ouvir e sentir as canções. Abordagem da festa PLOC's80 que fez ressurgir com uma nova roupagem conferida pelos dj's sucessos musicais da chamada "década perdida". Responsável direto por essa onda *revival*, os disque-jóquei passam a atuar como o novos intérpretes e compositores nas pistas de dança. Verifica-se uma popularização e um crescimento no número de festas que buscam resgatar canções de épocas passadas. Análise da evolução técnica que transforma a produção musical e apresenta uma gama de opções na mixagem e produção de sons.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PEQUENA HISTÓRIA DA RELAÇÃO HOMEM-SOCIEDADE-MÚSICA.....	15
3	O NOVO SOM: TECNOLOGIA E MUDANÇAS.....	18
4	MUDANDO DE MILÊNIO SEM SILÊNCIO.....	25
4.1	O mundo moderno.....	26
4.2	O mundo contemporâneo.....	28
5	A DÉCADA DE 80 : fundo e forma da música retro.....	30
5.1	O Brasil na década de 80.....	30
5.2	A música dos anos 80.....	33
5.3	Modismo e anos 80.....	35
6	NOVAS FIGURAS NO CENÁRIO.....	37
7	DE ÁLBUM DE FIGURINHA À FESTA MAIS BADALADA DA ATUALIDADE: PLOC'S 80- O INÍCIO.....	39
8	ESTUDO DE CASO.....	41
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
10	REFERÊNCIAS.....	48

ANEXOS

Questionário para entrevista – estudo de caso.....	50
Flyer digital- Festa PIOC´s 80.....	51

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe-se à análise da música na atualidade, mais especificamente na forma como esta interage com as novas ferramentas tecnológicas, assim como na relação que se estabelece entre o público e as tendências que apontam. Daremos ênfase às festas que trazem a tona gravações que fizeram sucesso na década de 80, com uma roupagem diferente conferida pelos DJs, os “donos” das pistas de dança na atualidade.

As mudanças pelas quais passa o mundo são facilmente perceptíveis por qualquer pessoa: sair às ruas é, por si só, uma vivência diária das transformações que acontecem à nossa volta, há mais espaços sendo ocupados pela tecnologia e é fácil perceber uma certa familiaridade entre quem as usufrui e a interação simplista que se estabelece entre homem e máquina, escondidas em uma insegurança crescente, mas nem sempre aparente.

Assim, se toda novidade causa um certo estranhamento quando do seu surgimento, as novas tendências parecem apontar para um cidadão imerso em um universo no qual o consumo das novidades e os modismos se mostram atrelados ao seu comportamento e às suas atividades cotidianas.

Crianças portando aparelhos celulares e jogos eletrônicos de última geração, jovens com walkman, empresários correndo com seus microcomputadores cada vez menores, doentes monitorados por aparelhos que controlam desde a pressão arterial até os batimentos cardíacos, relacionamentos virtuais, enfim, uma infinidade de próteses que não permitem mais concluir onde começa o homem e termina a máquina. A sociedade assustada com a violência se esconde e se protege em chats, em grupos que se conhecem apenas na rede e em mundos paralelos ao nosso. Uma espécie de isolamento – que não é simplesmente físico, mas que responde por questões diretamente relacionadas a esse mundo de incertezas – parece predominar. A indiferença reina e segrega e a solidão é por vezes interrompida, ao mesmo tempo em que a tecnologia aparece facilitando esse isolamento.

A pregnância da técnica – que estipula o novo estágio da vida social pelos avanços dos seres humanos associados a cabos, bases e ligas de metal que recebem e transmitem sinais – não é suficiente para esclarecer a distribuição dos afetos, os valores, os projetos, os

desejos, as volúpias e as renúncias dos indivíduos contemporâneos: pode haver incompletude, precariedade e terror em tanta mudança auspiciosa.

A onipresença da mídia constitui de maneira indispensável o ambiente em que se processa a atual expansão do sistema e é a principal fonte de narração das fábulas que associam estilos de vida às variações que a técnica apresenta: jogos, aparelhos eletrônicos, programas de computador, televisores, computadores, etc. Com o desenvolvimento dos meios que favorecem a comunicação instantânea, a maioria dos indivíduos toma contato com o mundo através das telas de televisão ou dos computadores; o “eu” determina formas de cognição que deixam pra trás a cultura literária anteriormente predominante e o que se vê é a estetização da realidade que promove a adesão ao consumo e ao mercado, traço fundamental da atualidade.

Nesse “game”, podemos sofrer variações e as insatisfações muitas vezes são escondidas ou transformadas, pois ao indivíduo é permitido assumir outra personalidade durante incursões na Internet, criando seus alter-egos virtuais e reinventando identidades “prêt-a-porter”, que podem ser trocadas assim como trocamos de roupas.

Vivemos uma nova cultura, cada vez mais cibernética, na qual as realidades estão mais virtualizadas, com o ciberespaço apresentando à sociedade uma nova topologia, abolindo referências, excluindo os centros e as periferias, as distâncias geográficas inerentes à identidade pessoal e ao próprio corpo, uma espécie de novo mundo no qual os corpos virtuais nascem, interagem e saem de cena sem deixar vestígios: cibernundos de fantasia.

O que não parece evidente para muitos, entretanto, é a forma como essas novas tecnologias mudam as relações sociais e alteram a forma de ver e viver a cultura, por exemplo. A arte está também imersa nesse mundo de virtualidades e teclas, mudanças e estéticas mais ousadas e técnicas.

Esta pesquisa busca analisar aspectos relativos à utilização das novas tecnologias na música, na forma como atuam na gravação, manipulação, produção e vivência dos sons, difusão de obras em suportes gravados e a maneira como essas sensações são experimentadas pelos diferentes públicos, assim como pelos novos profissionais que surgem nesse mercado. Daremos destaque para a figura do DJ, que ocupa um espaço do

intérprete e do compositor de outros tempos e serão abordadas algumas tendências das músicas nas festas que hoje se realizam.

Faz-se necessária uma análise crítica da aplicação da tecnologia à música e da sociedade contemporânea, abordando conceitos como modernidade e pós-modernidade (que aqui será utilizado como contemporaneidade, pois de acordo com a linha teórica adotada o “pós” parte da premissa de que a modernidade foi superada, embora acreditemos que seja capaz de oferecer noções bastante coerentes das nossas atuais relações sociais). Temos influências que perduram ainda ligadas à modernidade - mesmo que perdendo seu vigor - e tendências surgidas na atualidade que definem nossas relações sociais e, certamente, a maneira como pensamos e nos comportamos, sendo que o artista é influenciado diretamente por estas relações. Desta forma, considera-se importante que o trabalho não se ressinta da falta de consciência dos elementos que caracterizam o período histórico-social atual, buscando extrair das reflexões e experiências adquiridas as fontes para a sua concretização.

A hipótese levantada é a de que se verificaria uma transformação na forma de produção do som: haveria um maior investimento com as possibilidades da tecnologia do que na linguagem musical e poética. A técnica baseada em sistemas eletrificados, fruto da vida e anseios modernos, abre espaços para novas possibilidades criativas, mesmo para aqueles que não pretendam dissociar-se dos meios tradicionais de veiculação do produto.

A forma como as transformações têm interagido com os públicos em diferentes eventos musicais será levada em consideração. O foco central desta pesquisa serão as festas cujo aspecto principal é o *revival* de épocas passadas, mais especificamente as que reciclam sucessos da década de 80 e que vêm atraindo públicos diversos nas edições. O jeito como os participantes interagem com o som, a aparente novidade que ele desperta e a sensação de volta ao passado serão abordadas, assim como a repetição, que substitui a ânsia pelo novo que tanto caracterizou o homem moderno.

Com isso, algumas questões começam a aparecer e até os limites dessa arte precisam de uma análise: de que forma ela se define? E quem é seu público, já que parece que ele passa a ser todos e nenhum ao mesmo tempo? O que é hoje entendido como arte, uma vez que, ao menos no ramo musical, as novas técnicas permitem que qualquer pessoa

produza uma música, ainda que a harmonia e a melodia estejam renegadas a um segundo plano, em detrimento da valoração que é dada aos ritmos e batidas?

Não pretendemos esgotar o tema, pois os aspectos referentes à utilização dos novos suportes eletroacústicos como meios de gravação e manipulação dos sons exigem uma análise mais crítica da aplicação da tecnologia à música e merecem um aprofundamento maior.

Estaremos discutindo, inicialmente, a relação histórica existente entre o homem, a música e a harmonia que existe – e sempre pareceu existir – entre eles, culminando com os adventos tecnológicos que de alguma forma modificaram esse processo, conferindo-lhe outros aspectos sem, no entanto, “perder o compasso”. Daremos atenção aos novos suportes e à facilidade com que podem ser manuseados por qualquer pessoa.

Em um outro capítulo, faremos a abordagem histórica da época a ser estudada, assim como de conceitos que norteiam o trabalho. Sendo assim, além de um breve panorama a respeito da sociedade brasileira nos anos 80 e do que estava sendo produzido em território nacional naquela época, alguns conceitos que servem de base teórica para a pesquisa terão um destaque. Autores como Stuart Hall e Lucia Santaella, que em muito contribuíram para o enriquecimento do tema, ajudam a compreendê-lo melhor e a seguir uma linha de pesquisa mais coerente com o que foi proposto.

Como ilustração de festas que surgem revivendo os anos passados apontaremos a importância da PLOC’s 80, produzida e idealizada no Rio de Janeiro com o objetivo de fazer reviver a “década perdida”.

Por fim, fizemos uma pequena pesquisa com as pessoas que freqüentam essas festas e a forma como encaram esse tipo de evento. Procuramos confirmar a tese de que há uma transformação na produção musical da atualidade e que por isso há um espaço cada vez maior sendo ocupado não apenas pelas músicas, mas por hábitos e costumes das décadas passadas- apesar da notória nostalgia também observada e que não deixa de ser uma característica dos tempos atuais.

Não é nosso projeto estabelecer conclusões peremptórias. Pretendemos uma cartografia que esboce o quadro atual da música na atualidade, mas de forma a analisar o próprio cidadão e a maneira como interage com as novas técnicas.

Tratando-se de um processo em constante movimento e acreditando-se no poder das novas tecnologias diante da massa, é necessário apontar para o caráter efêmero que esse trabalho também pode apresentar. Não se sabe ao certo quanto tempo durarão essas festas, nem o objetivo primeiro das mesmas nesse mundo tão mercadológico. Mas fato é que, mais do que fazer reviver certas lembranças do passado, fazem pensar sobre uma nova sociedade, cada vez mais atrelada às técnicas, que aponta no presente.

2 PEQUENA HISTÓRIA DA RELAÇÃO HOMEM-SOCIEDADE-MÚSICA

**Music was my first love
and it will be my last
music of the future
and music of the past
to live without my music
would be impossible to do
in this world of trouble
my music pulls me through¹**

Um olhar mais atento permite concluir que o mundo é feito de música: a natureza e seus mais diversos elementos interagindo harmonicamente produzem sons ímpares; as buzinas, conversas nos bares e esquinas e mesmo os faróis dos automóveis e letreiros luminosos conferem aos grandes centros urbanos características típicas de uma discoteca (desordem, ruídos e luz); e o próprio corpo humano, com o pulsar do coração e o correr do sangue nas veias, produz um ritmo.

Isso se verifica também na forma de se organizar em sociedade: o ser-humano sempre buscou adotar um padrão sonoro conforme a lógica interna do meio em que estava inserido. Assim, a relação do homem com a música sofreu variações ao longo da história, dadas as especificidades dos povos, seus costumes e tradições.

Analisando por exemplo as sociedades pré-capitalistas, vê-se o entrelaçamento entre os mundos material e espiritual: às músicas conferiu-se um caráter de sacrifício e as batidas seguiam um ritmo estável, com uma pulsação forte e contínua.

Na Antiguidade Clássica alguns padrões foram delimitados e já havia distinção entre gêneros musicais: viveu-se a época de divisão entre a música apolínea, estabelecida como padrão, e o estilo dionisíaco, proibido porque fugia do que era imposto socialmente para estabelecer a ordem e por apresentar características de cultos que incomodavam a algumas parcelas da sociedade. O que se via era uma espécie de maniqueísmo que, de certa forma, dividiu a música na época mencionada. No entanto, é válido ressaltar que tanto o elemento dionisíaco quanto o apolíneo ajudaram na constituição da tragédia grega.

¹ Música interpretada por Gigi D'Agostino, de autoria desconhecida. (“música foi meu primeiro amor/ e será meu último/ música do futuro/ e música do passado/ para viver sem minha música/ seria impossível/ nesse mundo de problemas/ minha música me puxa”)

Na Idade Média, o poder exercido pela Igreja Católica alcançou também o aspecto musical das sociedades. A falta de um Estado laico culminou com o poder instituído pelo catolicismo, a grande instituição detentora da verdade e que ditava regras de comportamento: proibiu livros e outras manifestações artísticas, assim como categorizou os estilos musicais. Os cidadãos podiam – mais do que isso, deveriam- louvar a um Deus com os cânticos sacros, caracterizados por uma sonoridade mais tranqüila, com vozes em uníssono e letras que entoavam mensagens de perdão, sacrifícios e amor infinito ao Criador. Estavam legitimados o canto gregoriano e o cantochão e o poder da música sobre os homens. O canto deveria aproximar o homem dos Céus e estilos que fugissem a essa regra eram classificados como profanos e ofendiam a divindade. Por isso, não deveriam ser aceitos, estimulados ou divulgados nas sociedades.

Enfim, com o surgimento e fortalecimento do capitalismo, mudanças radicais vieram transformar esse cenário. A música não mais era vista como um elo entre homem e Deus e a qualidade do som passou a ser estudada: criaram-se câmaras de concerto e platéias se formavam para apreciar verdadeiros espetáculos de artistas que se tornavam respeitados e admirados por seus talentos voltados à música e à interpretação.

A sociedade mais moderna começava a representar nas canções a realidade por que passava, enxergando nas músicas aspectos mais técnicos que favoreciam o trabalho dos artistas: variações de timbres, experimentações e mesmo letras que a princípio causavam estranhamento passaram a ser estimuladas.

Já no século XX a técnica veio estremecer ainda mais a relação da música com o humano. A imagem do artista estava agora relacionada com a difusão do seu som e os novos meios de comunicação a transformaram em produto, enfaticamente repetido em seus mais diversos difusores. Na atualidade já é possível escutar a música em aparelhos que se escondem na palma das mãos, em elevadores, através de fones de ouvido e outras espécies de “próteses do humano”. Com isso torna-se necessário analisar o modo de a sociedade dialogar com as inovações, levando em consideração impacto causado, avaliando seus efeitos e investigando seus desdobramentos.

**¡que viva la ciencia,
Que viva la poesia!(...)
Es cierto que no hay arte sin emoción,
Y que no hay precisión sin artesanía.
Como tampoco no hay guitarras sin tecnología.
Tecnología del nylon para las primas,
Tecnología del metal para el clavijero.
La prensa, la gubia y el barniz:
Las herramientas de un carpintero.
El cantautor y su computadora,
El pastor y su afeitadora,
El despertador que esta anunciando la aurora,
Y en el telescopio se demora la ultima estrella.
La máquina la hace el hombre...
Y es lo que el hombre hace con ella.²**

² Trecho da música “mi guitarra y vos”. Composição de Jorge Drexler.

3 O NOVO SOM: TECNOLOGIA E MUDANÇAS

A emergência das redes de comunicação mediadas por computadores, sobretudo da Internet, determinou o surgimento de um novo horizonte de possibilidades. Neste sentido, notamos que a imbricação entre música e a tecnologia vem plasmando um novo contexto não só do ponto de vista da criação musical, como também da própria estrutura e organização deste cenário³

Em 1877, ao inventar o fonógrafo, Thomas Edison certamente estava seguro de que havia dado um grande passo para o futuro, legando à humanidade uma invenção que traria benefícios e avanços aos processos de comunicação. Tal instrumento tornou possível o registro e a produção musicais de forma mais rápida e proporcionou uma difusão massiva e pública da música. O que, no entanto, deixaria o grande inventor surpreso seria o avanço que hoje vemos no cenário musical e a correlação que se estabelece entre o mercado fonográfico e a tecnologia.

A música, neste trabalho encarada como uma forma de linguagem, um fator socializador alcançou um outro patamar a partir desse novo invento. A possibilidade do registro e reprodução ilimitada através do fonograma mudou a relação do ser com o som. Agora o homem não precisa mais partir ao encontro da música, esta vai até ele. Se um dia era necessário ir até um teatro para escutar determinada canção, já é possível escutá-la sem sair de casa, o que também permitiu a eternização das obras que até então se perdiam devido à oralidade que não proporciona o registro e pode causar o esquecimento.

Assim como as relações sociais foram se alterando, a velocidade do mundo foi acelerando e a própria evolução dos aparelhos transformou a relação entre o homem, a máquina e o mundo: se tudo começou com o fonograma, na segunda metade do século XX, hoje, através do mp3 as gravações podem ser difundidas pela Internet para o mundo inteiro.

³ LEMOS, pág. 209, 2001.

Proliferam os meios de produção e reprodução, meios fonomecânicos (o gramofone), elétricos (a vitrola e o radio), eletrônicos (os sintetizadores). O meio sonoro não é mais simplesmente acústico, mas eletroacústico⁴

Se em um primeiro momento as novas técnicas permitiram o registro da voz e seu armazenamento, os novos rumos sempre buscaram tornar acessível a discografia, seja através da portabilidade do som- em fitas, discos e Cds, seja até a forma mais atual de aquisição dos produtos musicais, nesta terceira geração de *compact discs* que com um custo baixo permitem a aquisição e mesmo produção doméstica da música.

Nos anos 60, década em que se viveu um explosão da juventude, influenciada por ideais de liberdade em oposição à sociedade de consumo vigente, fase do rock and roll, drogas e sexo, da junção da figura do artista, da sua voz e do seu comportamento, uma necessidade maior de movimentação e interação do corpo com a música se fazia sentir; havia a expectativa de “inventar os corpos” para os sons. O auge foi o festival de Woodstock, realizado nos Estados Unidos em 1969 e considerado um dos maiores eventos musicais contemporâneos, visto que reuniu cerca de 450 mil jovens em três dias de “paz e muita música”, conforme slogan do próprio festival.

Assim, a relação do homem com a música e com o próprio corpo foi se transformando: escutar o som não era suficiente, armazená-lo já era possível e torná-lo mais intrínseco ao corpo, o esperado. Nesse sentido, as novas tecnologias e tendências buscavam um estreitamento na produção musical e no investimento na voz e figura dos artistas e do público.

A associação com a sonoridade possibilitou o surgimento também das tecnologias audiovisuais e o produto passou a ser mais valorizado, o que permitiu alavancar a publicidade e novas formas de interação entre artista e público, assim como inovar com a produção de videoclipes, por exemplo, altamente favorecida com a criação do canal de televisão MTV, especializado em programação musical e, mais especificamente, nesse nova linguagem da música associada à imagem do artista. A vendagem dos discos alcançou números significativos e a técnica passou a atuar de maneira decisiva no processo de

⁴ WISNIK, p.42-43, 1989

criação, ao mesmo tempo em que se nota a preocupação com os procedimentos e equipamentos utilizados, que chegam a ser mais valorizados que as performances dos músicos.

A reprodução técnica de discos não apenas favorece a popularização de um determinado tipo de música, mas é exigida na popularização dessa musica.⁵

Atrelado a isso está a formação de uma sociedade cada vez mais imagética e a associação que naturalmente se estabeleceu com a música. Hoje os produtores atuam desde a escolha dos arranjos até figurino das bandas e nos grandes estúdios encontram-se técnicos em informática e engenheiros. Além disso, o sucesso dos artistas está diretamente relacionado às paradas e listas de vendas.

Mas voltando à análise histórica, a chamada “música de indústria”, por assim dizer, não é algo tão contemporâneo, visto que já havia sido fomentada quando as vitrolas ainda eram de manivela e os primeiros discos, de cera. As vitrolas elétricas vieram mais tarde e os discos de vinil começaram a ser comercializados apenas no final da década de 40. Já os CDs (*compact disc*) surgiram no Brasil no fim da década de 80, com a promessa de maior longevidade e praticidade, devido ao tamanho reduzido se comparado aos discos.

Depois surgiu a Internet (inicialmente chamada ARPANET), um conjunto de computadores interligados que permitem aos usuários conectados o usufruto de serviços de informação e comunicação de alcance mundial. Inicialmente foi um instrumento de guerra para manter atualizadas as informações nas bases militares dos Estados Unidos contra a antiga União Soviética (famosa guerra Fria). Mais tarde os cientistas começaram a investir nesse que parecia o grande invento do século, uma vez que, aprimorado o sistema inicial, permitia-se a transmissão de mensagens a distâncias nunca antes imaginadas e com uma velocidade de tempo inigualável. Em meados das décadas de 70 universidades passaram a estudar e aprimorar esse fenômeno.

Aos poucos uma verdadeira teia comunicacional foi sendo construída. Hoje, ela é considerada o maior sistema de comunicação desenvolvido pelo homem, com destaque para

⁵ LEMOS, p.205, 2001.

o surgimento da World Wide Web (www), que tornou mais atraente o conteúdo da rede e possibilitou a utilização de imagens e sons. Formou-se um ambiente prático, no qual através de um único endereço o usuário pode acessar uma gama de conteúdos. Já no final da década de 90 havia mais de 6 milhões de computadores permanentemente conectados à rede e atualmente a Internet representa tanto uma coleção de comunidades quanto uma de tecnologias, e a satisfação das necessidades básicas das populações e a utilização efetiva na expansão da sua infra-estrutura garantem seu sucesso.

A rede disponibiliza diariamente novos serviços de diretório e pesquisa que ajudam os usuários a descobrir as informações de que necessitam em uma quantidade enorme de opções. Exemplo disso são as páginas que permitem o acesso a um acervo grande de músicas, filmes e outros tipos de arquivo que outrora eram considerados raros, de difícil obtenção e, eventualmente, muito caros.

Acrescenta-se a isso a junção de elementos de várias mídias diferentes em um mesmo suporte material, que é uma das tendências da atualidade: aparelhos portáteis e com tecnologia avançada transformam ainda mais a relação com a música. Com a gravação digital, por exemplo, se houver a formatação em softwares mais modernos, o tamanho ocupado na memória de um computador é mínimo.

A Internet altera o modo de se fazer e experimentar a cultura. Com efeito, o caráter hipermediático da web promoveu o surgimento da chamada “virtualização da música”, amparada na sua digitalização. Isto significa dizer que qualquer obra musical é passível de compactação e difusão, à maneira de um arquivo de texto ou imagem. A ‘cibercultura’ – isto é, a sinergia entre a esfera tecnológica das redes de comunicação e a sociocultural imprimiu um redimensionamento ao segmento musical cujo êxito reside, sobretudo, no advento das técnicas de compressão de áudio ⁶

A técnica também atua na forma de produzir música: uma das questões que se levanta na atualidade é o fato de possibilitar a qualquer pessoa a criação de arranjos e canções através de instrumentos que podem ser adquiridos até mesmo na rede. Uma

⁶ LEMOS, p. 210, 2001.

espécie de hibridização do som, que gera no homem outros tipos de sensibilidade, escuta e comportamento. Sintetizadores e *samplers*, por exemplo, tornam a produção musical acessível aos leigos que operando máquinas podem compor, executar e mesmo gravar discos inteiros.

Os sintetizadores são aparelhos que permitem armazenar e também produzir diversos timbres. Gravam-se os sons de animais, passos humanos, enfim, uma série de ruídos pré-selecionados que depois serão, como sugere o nome, sintetizados na memória do aparelho. Esse aparelho, uma vez acoplado a um instrumento musical, produz os sons sintetizados quando for tocado. Utiliza-se um teclado eletrônico para manipulá-lo, embora seja perfeitamente possível o uso de um teclado de computador. Tais aparatos vêm sendo aprimorados a cada ano e ficam cada vez mais potentes e acessíveis.

Os *samplers* permitem a reprodução e manipulação de trechos sonoros previamente gravados. Alguns chegam a considerá-lo um novo instrumento musical. São amplamente utilizados na produção de CDs e utilizados com frequência por DJs. O operador escolhe um trecho de uma música já gravada em algum meio e registra na memória do aparelho(sampler). Uma vez registrado, esse trecho fica disponível para utilização em outras gravações, podendo inclusive ser mixado (a mixagem, vale salientar, é outro recurso que a técnica possibilitou acrescentar à música. Consiste, hoje, em uma das técnicas mais utilizadas pelo mercado fonográfico. Acontece depois da gravação dos álbuns, momento em que os técnicos “equalizam” os timbres dos canais de áudio e eliminam erros e ruídos. Volume, timbre, afinação, enfim, vários dos aspectos da música podem ser alterados pelo usuário). O termo - *sampler*- também é aplicado ao trecho copiado que, ao ser utilizado em outra obra, fica conhecido como trecho sampleado.

Importante salientar o papel que o sampler desempenha na criação de novas tendências musicais. Além de permitir a criação de músicas meramente eletrônicas, com ritmos fortes e batidas alternadas, possibilita a manipulação de canções já existentes, conferindo às mesmas um nova “roupagem”. Seria uma espécie de reciclagem da música, através de versões ou montagens de antigos sucessos. Tendência que vai ao encontro da atualidade, na qual o novo como valor parece não funcionar como antes, mesmo porque, na

exacerbada aceleração do mundo contemporâneo, corre-se o risco de vê-lo banalizado como mera e passageira “novidade”.

Essas novas tecnologias tornaram-se ferramentas essenciais para os músicos da atualidade e o que se percebe nas produções atuais é a predominância rítmica em detrimento de outros componentes musicais (harmonia e melodia, por exemplo) e o envolvimento artístico mais técnico na pesquisa contínua de novos instrumentos e novos sons. A colagem de materiais sonoros tornou-se mais freqüente que a criação propriamente dita de canções originais e o centro de atenção da música foi se encaminhando em direção ao som, independente das notas e acordes que compõem o esquema melódico-harmônico tradicional. A tecnologia faz a arte parecer poder instituir zonas de passagem entre o humano e o não-humano. Uma associação que de certa forma evidencia que é possível viver e fazer arte harmonicamente com as máquinas: harmonia essa mais ampla que acolha dissonante.

A informática planetária, introduzindo um redimensionamento nas tradições socioculturais, propõe a instauração da hipermídia, agregando todos os recursos da comunicação e do conhecimento humanos, ainda que baseada na apropriação diferenciada da tecnologia pelas sociedades⁷.

O desenvolvimento tecnológico na era da modernidade tardia para uns, radical para outros, pós-moderna para alguns, seguindo os preceitos do capitalismo e da sociedade de consumo, ativam a produção de novos equipamentos. Os músicos, contrários ou a favor deste sistema político-econômico-social, são afetados por estas inovações, utilizando computadores, gravações analógicas ou digitais, sintetizadores e diversos outros produtos comercialmente fabricados e que alteram o universo da música.

As modificações na tecnologia artística nos modos de produção da arte alteram conjuntamente não só a forma da obra em si, mas também as relações sociais

⁷ LEMOS, pág 205, 2001.

entre produtores e receptores, os modos de recepção e as relações dos artistas entre si ⁸

Esses novos sons, híbridos e não naturais, sintetizados e processados tecnologicamente, variações dinâmicas e imprevisíveis, despertam no ser-humano novas subjetividades que emergem nesse contexto da cultura contemporânea, altamente mediatizada pela tecnologia. O homem comanda, a máquina executa e já não se sabe até onde está a atuação humana na música: a relação do artista com seu processo de criação e com seu público baseada não mais em produtos concretos, mas na digitalização e transferência de dados.

Além disso, não apenas a criação mas a aquisição desse novo material sonoro pode ser facilmente obtido na internet. A música informatizada trafega livremente pela rede e ajuda na divulgação de artistas que não receberam apoio de gravadoras, democratizando o acesso: os meios de difusão e a reprodutibilidade da técnica conferindo a música um caráter de onipresença e fazendo do simples ato de ouvir canções um comportamento insígnio humano.

Ao mesmo tempo, porém, cria-se polêmica quanto à pirataria que já se instalou. Há uma certa preocupação- que já não é somente dos donos das gravadoras- a esse respeito. Novos formatos de compressão de som que permitem “baixar” músicas inteiras com alto padrão de qualidade e em um intervalo curto de tempo, vêm alterando significativamente as relações do mercado fonográfico, a partir do momento em que qualquer obra musical é passível de compactação, à maneira de um arquivo de texto ou imagem. Vive-se a era da virtualização da música, o que altera as relações de autoria, direitos autorais e outras regras de funcionamento do mercado fonográfico, etc, postas em questão neste novo cotidiano.

⁸ SANTAELLA, pág. 106,1995

4 MUDANDO DE MILÊNIO SEM SILÊNCIO

O início do novo século foi aguardado com muita ansiedade e medo. Antes mesmo da entrada de 2001, que efetivamente é o marco dessa nova era, uma certa preocupação tomou conta de todos e questões como o “bug do milênio” e determinadas profecias-ligadas ou não a aspectos religiosos- mexeram com as bases da sociedade ocidental, principalmente.

Mudanças tecnológicas já se faziam presentes e seus efeitos tornaram-se mais visíveis. O mundo moderno foi inovando de forma que a velocidade dos acontecimentos sugeria uma nova sociedade, ou a forma de analisar e interpretar essa sociedade que está surgindo e, embora a atualidade ainda apresente alguns traços marcantes dessa era moderna, esta não mais nos descreve.

Quanto à música, tema central desta pesquisa, percebe-se que a tecnologia baseada em sistemas eletrificados, fruto da vida e anseio modernos, abre espaço para novas possibilidades criativas, mesmo para aquelas que não pretendam dissociar-se dos meios tradicionais de veiculação do produto. Tanto a modernidade quanto a atualidade definem nossas relações sociais e certamente a maneira como pensamos e nos comportamos, sendo que o artista é influenciado diretamente por estas relações.

As tecnologias dos suportes eletroacústicos são frutos da sociedade moderna e da atual, pois representam-nas e a todos os seus problemas. O paradoxo entre buscar desenvolver e consumir novas tecnologias com a justificativa do aprimoramento da música e a maior facilidade de produzi-la, junto às questões estético-filosóficas das canções e da sociedade, são enormes e típicos de nossa época.

A opção de refletir sobre noções e conceitos de modernidade e pós-modernidade dá-se justamente no intuito de fornecer alguns aspectos sobre a questão da música e da tecnologia aplicada à composição e às mudanças sociais implicadas.

4.1 O MUNDO MODERNO

A luta por mudanças, a ruptura com o passado e a necessidade básica de superar o presente: estas foram algumas formas de manifestação da modernidade. Criaram-se relações paradoxais constantemente, na medida em que se buscava inovar e renovar o presente, sugerindo um futuro; criavam-se paradoxos ao expor os contrários a um embate como meio de atingir o novo; fomentava-se a reflexão ininterrupta sobre tudo, em todos os aspectos, inclusive sobre a própria reflexão. A modernidade atingia a todos como seus criadores, perpetuadores e suas vítimas, não havendo possibilidade de vida intelectual e social fora de seu âmbito.

O século XX coroou este processo: sua história foi a da aceleração permanente das mudanças e das novas experiências decorrentes. Houve uma verdadeira radicalização nos meios de produção, comunicação, novas relações dos indivíduos e dos mesmos com o trabalho, com a sociedade, dentre outros aspectos. Movimentos de diversas formas tentaram atrelar-se a nacionalismos nascentes ou já arraigados, técnicas visavam romper com o passado ou buscavam herdá-lo, desenvolvê-lo.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.⁹

Stuart Hall analisa três concepções de identidade para o sujeito desde o início do período moderno: o sujeito do Iluminismo; o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e de ação cujo 'centro' consistia

⁹ HALL, p.9, 1999

num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda permanecendo essencialmente o mesmo- contínuo ou idêntico a ele- ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa.¹⁰

O sujeito sociológico está inserido numa realidade mais complexa e interdependente, não consistindo uma unidade; já está sofrendo os primeiros efeitos do desencaixe.

A noção do sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’ que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos- a cultura- dos mundos que ele/ela habitavam¹¹

Quanto ao sujeito pós-moderno, o autor afirma que ele perde sua identidade fixa, transformando-se continuamente, dando margem a diversas identificações de acordo com seus interesses momentâneos ou com a relação com o grupo em que está inserido.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.¹²

Segundo Hall, personagens importantes da história da humanidade têm ligação direta com essas mudanças ocorridas com a identidade humana no período que vai desde o advento da modernidade até os dias atuais. Para ele, o início da ruptura das identidades na modernidade, levando o sujeito sociológico a tornar-se o sujeito pós-moderno, dá-se a partir do século XIX com Marx e seus questionamentos sobre a essência universal do homem; vindo ao século XX com Freud e suas considerações a respeito da sexualidade e o desejo

¹⁰ HALL, p.10-11, 1999

¹¹ ibid, p.11.

¹² ibid. pág. 13

formadas por processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, funcionando por uma lógica diferente da razão; passando por Saussure e a produção de significados através das regras da língua; Foucault e o poder disciplinar; as questões relativas ao movimento e a crítica social das feministas.

Em síntese, o que Hall fez durante seu trabalho foi demonstrar o quão modificados estão o conceito de sujeito moderno e as suas relações sociais e apontar para o surgimento do novo sujeito, menos centrado e perdido diante de um universo novo e das dificuldades de construção de identidades em um mundo marcado pela pluralidade e por alterações na institucionalidade.

Necessário torna-se, portanto, analisar alguns dos aspectos que caracterizam esses novos tempos e que apontam as mudanças na sociedade.

4.2 O MUNDO CONTEMPORÂNEO

Hall aponta aspectos interessantes sobre as mudanças de identidade cultural no âmbito da pós-modernidade ou, como ele mesmo aponta, modernidade tardia. Tenta encontrar nexos de relações sociais em que determinados conceitos deixariam de existir ou assumiriam outros significados. Para ele, vive-se em uma época em que as pessoas se agrupam por interesses de identidade, tais como sexo, religião, raça, etc, em detrimento de outros.

Alguns dos elementos estudados são a fragmentação do sujeito moderno pela aparição de novas identidades; o deslocamento das estruturas e processos centrais da sociedade moderna abalando o quadro de referências; a perda do seu “sentido de si estável”, chamada algumas vezes de deslocamento ou descentralização do sujeito.

Os novos tempos realmente apontam por modificações e a busca de prazer incentiva a mudança de identidade. Abandonam-se os prazeres de uma certa época, porque se tornaram repetitivos, gastaram-se. Substituições ocorrem com frequência: algumas mais bruscas e outras, fragmentárias: uma espécie de recomposição, a partir de fragmentos. Há algo de caçador na postura atual frente a vida: a insatisfação encontra-se sempre à espreita e

passamos parte do nosso tempo em busca de meios de nos instalarmos num outro ser, num outro eu.

Com isso a vida vem se tornando errática pela multiplicidade e pela fluidez, com o “eu” se despedaçando nas redes de comunicação e os indivíduos tentando inventarem a si próprios sem muitas vezes perceberem as mudanças que estão em toda a volta e a forma como atuam nas suas relações humanas e em outros aspectos sociais.

O mesmo ocorre com os mitos. Se o mundo moderno apresentou a oportunidade – ou ao menos a tentativa- da possibilidade absoluta do conhecimento e do controle, tanto naturais quanto sociais, a atualidade parece esvaziar o homem desses mitos, a se desfazer deles. Ocupam espaço os mitos de pouca duração e que facilmente se desfazem. Vive-se a era dos mitos instáveis ou, como acreditam e radicalizam alguns, o vazio dos mitos.

Verdade é que os novos tempos estabelecem relações realmente diferentes entre os homens, o tempo, o espaço e implicam mudanças nas relações sociais. Além da já mencionada crise ou queda de identidades, muitas vezes impostas, auto-impostas ou fictícias, a essência parece também deixada de lado. Abandonou-se de vez o pensamento que afirma e busca identidades estáveis e demarcadas.

Parece que o ser humano, na sua maneira de existir, percebeu que as garantias não são possíveis e que lhe cabe viver uma vida sem elas. Descobriu-se que não há um só centro, mas vários. E essa dissolução da centralidade e também da universalidade das coisas não deu, no entanto, uma valorização da expressão singular, individual. A atualidade não é lugar do individualismo, mas dos particularismos.

5 A DÉCADA DE 80- FUNDO E FORMA DA ONDA RETRÔ

5.1 O BRASIL NA DÉCADA DE 80

Culturalmente considerada a época do pop e do fortalecimento da indústria cultural, a década de 80 viu emergir a sociedade midiática, o consumismo e o auge da produção kitsch. Foi um tempo de atritos ideológicos e, para alguns autores, a década dos discursos – principalmente aqueles voltados para a grande massa, o povo.

Historicamente, nos anos 80 o Brasil experimentou um processo de abertura política e mudanças sociais que refletiram no modo de viver e agir dos brasileiros. Foi uma época marcada pelo fim do processo ditatorial, que apesar de ter proporcionado ao menos economicamente o crescimento do país e o aumento da renda per-capita, beneficiou apenas uma pequena parcela da população.

Além disso, ao fim desse regime o país apresentava uma dívida externa com cifras alarmantes e nunca antes vista. Em 1982, negociações com o FMI (Fundo Monetário Internacional) afirmaram ainda mais a dependência do capital estrangeiro e implicaram a estagnação da economia e um inflação galopante, que chegou a quase 2000% anuais.

Na política, mudanças significativas ocorreram: o fim da anistia-ainda que não tenha sido, em um primeiro momento, ampla, geral e irrestrita- permitiu a volta de exilados ao país e a libertação de presos políticos, assim como o surgimento de novas idéias que influenciaram no processo de democratização.

Ainda em 1979, o então presidente na República, João Batista Figueiredo, implantou uma lei orgânica que permitia a criação de novos partidos políticos. Esse novo procedimento legal acabava com a divisão ARENA e MDB que perdurou durante todo o regime militar. Vale ressaltar que o governo de Figueiredo enfatizava o interesse em devolver ao país a democracia, embora esse processo de abertura possa ser considerado um misto de oportunismo e recuo: ao mesmo tempo em que foi considerado pelos militares um

traidor ao regime, reprimiu greves, prendeu militantes de partidos políticos e alterou leis eleitorais em busca de satisfação dos próprios interesses.

Foram anos de manifestação popular e de ameaças. Um dos episódios que ainda hoje repercute na mídia, por exemplo, foi o atentado a bombas ocorrido no Riocentro, durante um show para comemoração do dia do trabalho. O evento havia sido projetado e organizado por sindicalistas e grupos de esquerda, em um Pavilhão do bairro, no Rio de Janeiro. Dentre os artistas, nomes como Chico Buarque e Gal Costa, que lutaram contra a política do regime que viveu o Brasil naqueles anos de tortura e perseguição. Com as investigações, descobriu-se que se tratava de um atentado da direita conservadora, mas a operação teria fim com divulgações, pela imprensa, de um atentado da “esquerda terrorista”. Apesar do abafamento do caso na época, a direita perdeu força após o ocorrido. Ainda hoje se discute um possível acordo entre militares. Presume-se que, em troca da impunidade dos responsáveis pelas bombas, os militares aceitariam a continuidade da abertura política pelos radicais, inclusive pelas eleições diretas de 1982.

Passada a euforia do “milagre” que o país experimentou entre as décadas de 60 e 70, passou-se a discutir enfaticamente a questão da compatibilidade entre a democracia e a crise econômica que o país enfrentava nos anos 80. E a conclusão foi a necessidade da participação democrática da maioria, ainda que o interesse do governo fosse conter a agitação social que ao que tudo indicava iria aumentar, haja vista o maciço apoio da população e do respaldo político e das instituições em direção a esse processo. Como afirmou o professor Francisco Carlos Teixeira:

diante dos sinais evidentes de saturação e decrepitude da ditadura, o movimento popular cresce e ocupa as ruas: primeiro fora em torno da luta pela anistia e o retorno dos exilados, depois em prol das eleições diretas ¹³

Os resultados rapidamente se fizeram notar: no processo eleitoral de 1982, constatou-se a vontade popular de mudanças: no Rio de Janeiro foi eleito um governador que fazia parte da oposição, verdadeiro marco para o início desse ciclo de eleições diretas.

¹³ AQUINO, p. 271, 2003

Um dos fatos que merece maior destaque talvez tenha sido o movimento de “Diretas Já”, ocorrido no final do governo de Figueiredo, em 1984: era a manifestação do povo em prol da democracia e do direito de eleger diretamente o sucessor do presidente da República.

O movimento assumiu tamanha importância porque agregou diversos setores: estudantes, jornalistas, partidos políticos, até membros da Igreja Católica. Nas principais cidades do país multidões foram às ruas para pressionar o Congresso a aprovar a emenda Dante de Oliveira, que restabelecia as eleições diretas para presidente.

O primeiro grande encontro foi em janeiro daquele ano, na Praça da Sé, em São Paulo, mas rapidamente ganhou dimensão nacional. No entanto, em abril a emenda foi derrotada no Congresso, fato que levou o povo novamente às ruas, na tentativa de forçar uma transição para a democracia. Tudo isso articulado pelo governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, líder oposicionista que acabaria sendo eleito – indiretamente - presidente da República. Não chegou a ser empossado, falecendo em abril do mesmo ano. Assumiu seu vice, José Sarney, que em seu governo promulgaria a Constituição Federal e finalmente completaria a transição do processo democrático do país.

A época de governo de Sarney foi chamada de “Nova República” e já em 1985 uma emenda constitucional restabelecia as eleições diretas para a Presidência e algumas prefeituras. Foi também estendido o direito do voto aos analfabetos e aos jovens maiores de 16 anos. Em 1988, promulgou-se a nova Constituição, com garantias maiores dos direitos humanos contra a arbitrariedade do Estado. Proibia a pena de morte e a tortura, ampliava os direitos dos cidadãos, igualdade entre homens e mulheres, fim da censura e novos direitos trabalhistas e sindicais, dentre outras garantias.

Na área econômica, o Presidente criou vários planos de estabilização, alguns com sucesso inicial, mas todos efêmeros quanto à duração e as propostas. Houve congelamento e descongelamento de preços, troca de moeda e muita corrupção, em doses sucessivas e cavalares de inépcia, desídia e pura e simples roubalheira :

Durante o mandato do presidente José Sarney, a imprensa registra numerosos casos de corrupção e nepotismo ¹⁴

Enfim, em 1989, depois de quase trinta anos finalmente os brasileiros puderam eleger o Presidente da República. Foi o processo eleitoral mais concorrido da história do país, com 24 candidatos, campanhas e comícios fortes e atuação da televisão como formadora de opinião nos horários gratuitos destinados aos presidenciais.

Terminou com a vitória de Fernando Collor de Mello, que iniciou um governo repleto de planos, metas e escândalos que transformariam a década de 90.

5.2 A MÚSICA DOS ANOS 80

Culturalmente, graças ao processo de abertura política e fim da censura que havia sido imposta em época de ditadura militar, na década de 80 peças teatrais, músicas e outras variedades de espetáculo puderam ser apresentadas ao grande público. Este foi também um período de crescimento da mídia e de consumismo: na época considerada perdida pelos economistas e estudiosos da área, os brasileiros tiveram maior contato com os meios de comunicação e percebeu-se o fortalecimento da propaganda, o sucesso de programas televisivos que em muitos casos copiavam modelos advindos do exterior e, sem sombra de dúvidas, a nítida prosperidade do setor fonográfico e os espaços cada vez maiores que a música alcançava nas rádios e emissoras de tevê.

Foram anos de incentivo a novos artistas. No Rio de Janeiro, casas de show foram inauguradas para receber possíveis novos talentos. No Arpoador, em 1982, chegava com força o “Circo Voador”, que depois seria transferido para a Lapa. Um espaço alternativo para pessoas com talentos em diversas áreas. Passaram pelos palcos nomes como Raul Seixas, Barão Vermelho, Legião Urbana, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso, Blitz e outros. No Pão-de-açúcar, um espaço que privilegiava a música também conseguiu adeptos

¹⁴ DEL PRIORE, p.379, 2001

naqueles anos: o “Noites Cariocas” unia a boa música brasileira a uma das áreas consideradas ‘cartão-postal’ da cidade.

Em 1985, a invasão do rock and roll. O objetivo era juntar grandes nomes do gênero -nacionais e internacionais- em um evento que duraria alguns dias. Nascia o *Rock in Rio*. Foi construída uma “cidade do Rock”, com palcos gigantescos, redes de comida do tipo fast-food , atendimento médico, dentre outros, em uma área de quase 300 mil metros quadrados. Reuniu milhares de pessoas nos 10 dias da primeira edição (outras mais vieram depois. A última, em 2003). Teve cobertura televisiva e público de cerca de 1 milhão e meio de pessoas. Projetou artistas nacionais , firmou de vez o rock no país e alavancou outros projetos, como o Hollywood Rock ,patrocinado pela Souza Cruz, empresa do ramo tabagista, em 1988.

No estilo pop os anos foram marcados pelos fenômenos Madonna e Michael Jackson, solistas que investiram em músicas com sonorização inusitadas, clipes caros e fora dos padrões, além de muita polêmica. Madonna apostou em diferentes estilos para alcançar diversos públicos. Jackson obteve sucesso de várias faixas em um dos primeiros álbuns da carreira e inovou nas filmagens dos vídeos. Ambos tiveram a imagem muito explorada pela televisão e músicas nos primeiros lugares das rádios de todo o mundo.

Outro fenômeno que foi ao encontro principalmente do grupo jovem feminino foi o Conjunto latino *Menudos*. Cinco rapazes que cantavam e inovavam em coreografias foram responsáveis pela venda de milhões de LPs e projetaram aqui no Brasil outras bandas com as mesmas características: meninos que interpretam canções voltadas para o público feminino adolescente.

As crianças tiveram atenção especial. Músicas, grupos e programas foram projetados justamente para agradar ao público mais jovem. Balão Mágico, Trem da Alegria e Abelhudos foram os principais representantes da safra que diariamente estava em contato com os pequenos. Os programas infantis principalmente (nessa época, as emissoras investiram pesado em programas voltados para crianças e projetaram nomes como Xuxa e Angélica, por exemplo) alcançavam recorde de audiência na televisão brasileira.

Mas os adultos não ficaram para trás. Semanalmente, a Rede Globo exibia o programa Globo de Ouro, no qual os cantores que tinham suas músicas em primeiro lugar

na parada de sucesso saudavam o público interpretando essas canções. Geralmente eram temas de novelas os que chegavam a esse patamar.

Além disso, seguindo o sucesso alcançado nos anos anteriores, continuaram sendo realizados, também pela Rede Globo, os festivais da Canção. No entanto, as novas músicas não apresentavam o caráter de protesto daquelas escritas, interpretadas e gravadas nas épocas de tortura e repressão militar. De qualquer forma, apesar das poucas edições, foi mais um espaço que projetou nomes brasileiros.

5.3 MODISMO E OS ANOS 80

A moda de ontem enfastia, as de anteontem e do passado distante continuam a encantar ¹⁵

Esta passagem do livro Império do efêmero, de Gilles Lipovetsky, parece explicar, ou ao menos justificar, a tese que se propõe neste trabalho, ou seja, a questão do modismo que hoje se vê no cenário musical quando da nova roupagem que dj's dão às músicas que marcaram os anos 80, associado ao que muitos estudiosos chamam de indústria cultural-fortalecida na década mencionada. Tudo isso, vale destacar, associado ao advento da Internet e das novas tecnologias que seguramente contribuem para essa tendência.

. A moda dita comportamentos e, embora efêmera, traduz nos indivíduos um pouco da sua personalidade, criando identidades, individualizando, mas ao mesmo tempo servindo como organizadora da vida coletiva das pessoas: produz diferenças, porém iguala a todos como consumidores- é massificação e diferenciação- e então é o poder aquisitivo que estabelece os limites. Também desfaz hierarquias, ainda que acentuando essas diferenças econômicas, mas atenuando e aproximando os seres em todas as esferas do globo. Como escreve Lipovetsky:

A moda está no comando de nossas sociedades; a sedução e o efêmero tornaram-se, em menos de meio século, os princípios organizadores da vida coletiva moderna; vivemos em sociedades de

¹⁵ LIPOVETSKY, p. 57,2004.

dominante frívola, último elo da plurissecular aventura capitalista –democrática-individualista¹⁶

Rompendo tradições, a moda acabou inaugurando um novo tempo. A brevidade, a efemeridade mexeram com os costumes de uma sociedade estática e agora ávida pelo novo e pelo encantamento que ele proporciona. Com isso, despertou críticas, chocou e foi de encontro às normas morais e éticas traçadas pelas sociedades, ao mesmo tempo em que acentuou a constante necessidade do ser-humano de buscar pertencer a um grupo e tentar se afirmar como indivíduo.

No ramo musical, o modismo se reflete, sobretudo hoje, nas festas que têm como tema os anos 80 e tudo o que foi produzido naquela época- desde os primeiros videoclipes, que abusavam de cores e apresentavam os artistas em performances que faziam o público vibrar, até nas roupas que identificavam artistas e viraram febre nacional. Nos salões de festas, o visual das pessoas se confundiam, tamanha era a identificação entre elas nas maneiras de vestir e agir. Aliás, nestes eventos, observa-se a massa como um fenômeno que aproxima pela diferença, a partir do momento em que permite que tão densamente os seres busquem assumir identidades próprias e acabem adotando tipos comportamento que tornam (quase) homogêneo todo um grupo.

Todos batem os pés, e o fazem de maneira idêntica. Todos agitam os braços e mexem a cabeça. A equivalência dos participantes ramifica-se na equivalência de seus membros. Tudo quanto se move num homem adquire vida própria- cada perna, cada braço vive como que por si só. Os membros todos fazem-se um. (...) Por fim, tem-se uma única criatura a dançar, munida de cinquenta cabeças, cem pernas e cem braços, os quais agem todos exatamente da mesma maneira, ou movidos por um mesmo propósito. No auge de sua excitação, esses homens sentem-se realmente como um ser só, e apenas o esgotamento físico os derruba.¹⁷

¹⁶ LIPOVETSKY, p. 30, 2001.

¹⁷ CANETTI, p. 14, 1995.

6 NOVAS FIGURAS NO CENÁRIO

Se nas décadas passadas havia uma espécie de padronização sonora e as pessoas geralmente saíam de casa para dançar ao ritmo dos seus artistas preferidos, em espaços mais amplos nos quais pudessem encontrar amigos, hoje a noite apresenta-se de uma forma diferente.¹⁸

Desde o surgimento dos Djs e da associação desses com os diferentes aparatos tecnológicos, a música foi recebendo diferentes contornos e as festas, por conseguinte, segmentando-se de forma a atrair públicos específicos e/ou alternados.

Antigamente, as pistas de dança repetiam os sons que se escutavam na televisão ou eram reproduzidos nas antigas vitrolas, sem outro contorno ou mesmo pequenas variações. As pessoas cantavam junto com os artistas preferidos ou ao ritmo de sucessos vindos principalmente dos Estados Unidos. A moda era inventar passos e criar ainda mais modismos. Houve fases das festas mais românticas, o período das discotecas e do abuso de cores e sons, da música black, os famosos tempos da brilhantina, clássicos da jovem guarda, enfim, uma variedade de sons para diferentes públicos, nas mais diversas épocas.

Hoje o que se verifica no cenário musical e que se pretende analisar aqui neste trabalho é um investimento menor no conteúdo musical e poético das letras de canções, em detrimento das novas possibilidades da tecnologia . As festas que atraem mais pessoas e fazem sucesso têm como especialidade as batidas das músicas eletrônicas ou são espécies de *revivals* de décadas passadas, mais especificamente dos anos 80. Assim, o que se escuta são músicas que abusam dos efeitos da tecnologia com o propósito de inovar nos arranjos, pura e simplesmente, ou canções tocadas exaustivamente na “década perdida”, remodeladas com efeitos técnicos que parecem conferir a tais obras um certo caráter de novidade.

¹⁸ Nota: paralelamente há o fenômeno das *raves* –festas/shows que têm no festival de Woodstock o primeiro modelo, com duração de dias e noites, geografia e produção especiais ligadas a uma experimentação sensorial que não trataremos aqui por fugir do nosso tema. Compreendemos, no entanto, que nestas *raves*, mais do que qualquer festa segmentada, o DJ é o ponto-chave.

Os disque-jóquei são essenciais nesse processo. Com os diferentes aparatos e apoiados em ferramentas cada vez mais potentes e transformadoras, resgatam as músicas do passado e lhes confere valores mais atuais- geralmente as novas batidas são mais fortes, rápidas, tornam mais dinâmicas as músicas. Ao mesmo tempo, as criações contemporâneas não possuem melodias ricas e parecem um emaranhado de arranjos: as chamadas músicas eletrônicas. Atraem principalmente um público jovem para as pistas e transformam de vez a relação do homem com o som.

Tanto na produção dessas novas batidas quanto no resgate dos sons da época escolhida para ilustrar este trabalho, tem o DJ um papel de destaque. Se no começo a associação que se fazia entre a imagem desse profissional com a música era de um homem cheio de discos, agulhas que nem sempre “tiravam” as melhores notas e caixas de som potentes e enormes, hoje eles têm na memória dos seus computadores portáteis uma gama de músicas e atalhos que permitem conferir às mesmas os efeitos desejados para agradar a diferentes públicos.

Nas noites em que se escutam as batidas, por exemplo, a impressão que se tem é que a mesma música está sendo tocada durante muito tempo. Isso se dá ao fato de a quantidade de combinações de arranjos possíveis ser tão grande que as canções acabam sendo parecidas e as batidas se repetem.

No entanto, a pesquisa pretende centrar-se no retorno e na nova roupagem que os disque-jóquei vêm conferindo aos temas que foram sucesso na década de 80. É ele o responsável pelo sucesso ou fracasso da festa, é quem “tempera” o público e, neste sentido, é o regente não apenas dos seus instrumentos, da iluminação, etc, mas das pistas.

7 DE ÁLBUM DE FIGURINHA À FESTA MAIS BADALADA DA ATUALIDADE: PLOC'S 80- O INÍCIO

Com o objetivo de ocupar um espaço ainda não preenchido por nenhuma outra festa na noite carioca, surgiu a PLOC 80's, em janeiro de 2004. Já fazendo alusão a um evento nada convencional, foi criada para se dedicar especialmente aos grandes sucessos da música nos anos a que se refere. O nome é uma referência a uma coleção de figurinhas de monstrinhos divertidos que a criança raspava com a unha na parte de trás e a gravura ficava na superfície escolhida. Foi sucesso de vendas e teve duas edições. Em números, em uma época em que a população brasileira tinha cerca de 120 milhões de habitantes, a venda dos chicletes em que vinham essas figurinhas era de 74 milhões de unidades diárias.

Inicialmente ocupando uma sala no Espaço Marun (antiga Nautillus, na Rua do Catete), foi aos poucos ganhando adeptos e é hoje considerada por muitos formadores de opinião a festa mais animada da cidade, na qual convivem pacificamente pessoas com diferentes tipos de comportamento e não necessariamente apenas saudosistas de uma época que já foi considerada por muitos como “perdida” (deve-se destacar que, além de nostálgicos, freqüentam jovens nascidos já em fins daquela década). Acontece atualmente de quarta a domingo em diferentes lugares da cidade.

No começo, a intenção era tocar o que de mais engraçado e bizarro se ouviu naqueles anos. A primeira edição contou com a presença de seis DJ's convidados e, no repertório, um desafio à memória dos mais aficionados: artistas diversos, que fizeram sucesso com o público infantil, adulto e mesmo com os mais velhos. Destacavam-se cantores e bandas, nacionais e internacionais, dentre os quais: Abelhudos, Balão Mágico, Xuxa, Madonna, Trem da Alegria, Clube da Criança, Bozo, Paquitas, Gretchen, Sidney Magal, Nenhum de Nós, Dominó, Menudo, RPM, Locomia, Fofão, Silvio Santos, Olivia Newton John, Titãs, Legião Urbana, Trio Los Angeles, Radio Táxi, Erasure, Ultraje a Rigor, Michael Jackson, Rosana, Abba, Blitz, New Order, Cindy Lauper, Culture Club, Barão Vermelho, Inimigos do Rei, Lulu Santos, Guilherme Arantes, Engenheiros do Haway, entre outros.

A intenção era realmente reviver aqueles velhos tempos, com a figura do DJ entrando em cena e ocupando o espaço dos artistas que marcaram época. Para que o êxito fosse logrado os organizadores do evento perceberam a necessidade de adequar o cenário à época e, para aquele público que um dia brincou de passar o anel ou pulou de “pogobol”, foi criada uma área na qual voltar a ser criança era mais que um sonho: na PLOC PLAY há mesa de futebol de botão, Pega-Varetas, vídeo-games e outros brinquedos.

Ainda com este objetivo-o de tentar remontar àquele tempo- alguns atrativos tornam a PLOC uma festa ainda mais original : na entrada, os freqüentadores recebem balas Juquinha, guloseimas que eram vendidas nas escolas nos anos 80; as pessoas que se caracterizam de personagens da época recebem prêmios ; aos aniversariantes que queiram comemorar a data em grande estilo ao som dos hits que já acompanharam diferentes gerações são oferecidos descontos e há edições especiais em que artistas diferentes são homenageados e, em algumas ocasiões, realizam shows.

O interessante é que essa idéia não se esgotou por si só. Com o sucesso da festa, os organizadores montaram o que chamam de PLOC MONSTER. Nesta, o público é brindado com sessões de filmes que também marcaram a década de 80.

E, ao encontro das novas tendências e dos avanços tecnológicos, a festa tem disponível uma página eletrônica na qual é possível saber as datas das próximas edições, imprimir um flyer digital¹⁹ que garante desconto na entrada, enviar emails com sugestões, elogios e críticas e participar da lista e receber informações sobre tudo o que acontece durante o mês na PLOC. Há também um fotolog com fotos exclusivas das últimas edições da festa.

¹⁹ Em anexo

8 ESTUDO DE CASO

Partindo da premissa adotada neste trabalho –da transformação musical proporcionada pelos adventos da técnica, que permite a produção de sons cada vez mais sintéticos e de letras e melodias menos elaboradas, levando ao resgate de músicas de décadas passadas e ao surgimento do fenômeno retrô observado em festas, buscamos na análise dos públicos que freqüentam esses espaços e dos Djs, os profissionais que permitem à grande massa o acesso a esse material, um embasamento para responder ao que propúnhamos.

A proposta era fazer uma análise qualitativa com pessoas que de alguma forma possuíssem um vínculo e, de preferência, fossem freqüentadores de festas temáticas dos anos 80. O grupo selecionado é composto de usuários do Orkut, uma rede de relacionamentos desenvolvida pelo google, o maior buscador da atualidade, que possibilita a construção de uma rede de “amigos” linkados por fichas contendo o perfil de cada usuário. A proposta inicial era aproximar amigos e estimular novos relacionamentos por meio da descoberta de interesses em comum, identificados pelas comunidades a que os integrantes podem se filiar. Cada usuário possui uma conta e um perfil, em que estão listadas as características pessoais, profissionais e áreas de interesse. Atualmente o Orkut conta com cerca de 6 milhões de membros, dentre os quais 70% são brasileiros.

As comunidades, que podem ser criadas por qualquer membro, estão divididas em categorias e apresentam algum logo que permite identificá-las, assim como a especificação quanto ao conteúdo e perfil dos integrantes. Dentre elas, muitas são referentes a festas e algumas chamaram a atenção e serviram como ponto de partida para a pesquisa: *80 & 90 pop music*, *eu amo os anos 80*, *viva a década perdida*, etc, mas o foco central foi a comunidade *Eu amo a PLOC's 80*, apologia direta à festa que fez emergir o fenômeno retrô na cidade do Rio de Janeiro e a qual nos referimos na parte 7 deste trabalho.

Participaram ativamente, respondendo a questionários e emitindo opiniões sobre o tema, 12 pessoas (a comunidade, no começo da pesquisa, tinha 743 membros) que freqüentam ou já freqüentaram a PLOC, em faixas etárias que variam dos 19 aos 37 anos.

Também conversamos com 2 Djs que trabalham na noite com o som do tipo “flashback”, para verificar a abordagem que o tema recebeu tanto daqueles que participam passivamente das festas, quanto dos que produzem as mesmas.

Público e Djs afirmaram que possuem equipamentos que permitem baixar músicas na grande rede e que os utilizam com frequência, principalmente para resgatar letras e canções que foram sucesso. No entanto, somente os profissionais entrevistados disseram que produzem sons e que buscam na experimentação novas formas de agradar o público que já formaram e os que ainda buscam identificação com algum estilo. Um dos entrevistados, Ivo, de 22 anos, disse:

Acho que as pessoas redescobriram o brilho das músicas dos anos 80, sem contar que você viaja nas músicas (...) ficou mais fácil produzir música usando programas específicos no PC. Hoje você compra um CDzinho por 8 reais, instala no PC e se você tiver criatividade já pode bancar o DJ. Mas eu não me arrisco...²⁰

Ainda quanto ao público, tanto Djs como freqüentadores afirmaram que essas festas que resgatam a “década perdida” têm atraído para as pistas de dança uma diversidade de pessoas e classes sociais, embora aceitem que há uma tendência- seja natural, social ou cultural, segundo cada um deles- em haver divisão de acordo com o gênero musical.

Já em relação direta ao que propõe este trabalho, apesar de considerarem a produção musical das décadas passadas de alta qualidade, os entrevistados foram unânimes ao declarar que não observam um esvaziamento musical na atualidade, mas encaram com naturalidade o fenômeno retrô como algo que se repete com frequência. Segundo eles, o mesmo acontecia nos anos 70, com a volta de músicas da década de 60, que resgatava canções da década de 50 e assim por diante.

Eles percebem a tecnologia trabalhando em associação com a música e trazendo inovações, mudando a forma como são apresentadas as melodias e a própria imagem dos artistas. Vale salientar que, em relação ao material da década de 80, os ouvintes desses sons

²⁰ IVO BESSA, em entrevista, 2005.

preferem as versões originais e vêem na associação da técnica com a arte apenas uma forma de apresentar para as novas gerações o que outrora fazia sucesso ou, mesmo, uma modernização e forma de preservação da história musical mundial.

Eles entendem as batidas eletrônicas como mais um modismo que seguramente é passageiro e acreditam que a síntese do som vem ao encontro da sociedade mais alternativa e frenética que se forma diariamente.

Em contrapartida e de acordo com o proposto na pesquisa, os DJs confirmaram o esvaziamento observado na atualidade com o advento da técnica e também não observam nisso um aspecto negativo, mas apontam para o fato da associação da massa com as novas mudanças, em uma época de esvaziamento cultural como um todo, sem perceber que está incluída nesse processo.

Os “donos da pista” que contribuíram para a pesquisa ainda utilizam os antigos vinis em muitos dos trabalhos que realizam, mas afirmam com segurança que a tecnologia foi a responsável direta pelo resgate da cultura dos anos 80 que se observa também nas festas que produzem (eles disseram que essa é uma tendência que ultrapassa o aspecto musical e que pode ser verificada em exposições, lançamentos de livros e produtos que abordam a época).

O público, ainda de acordo com os Djs, não tem leitura para se perceber como produto e produtor desse fenômeno e que é esta outra ação da tecnologia: as novas formas ou efeitos parecendo construir novas experiências. A massa parece não perceber que há uma “reciclagem” do que de melhor (e mesmo pior, pois há festas que se especializam no caráter trash da coisa) foi fabricado e assim tende a acreditar que há muito sendo produzido e, mais, que esses mixagens são na verdade novidades quanto ao conteúdo, letras e melodias.

Não parece evidente para o público em geral a forma como a técnica muda as próprias relações sociais e altera a forma como se vivencia a própria cultura. As pessoas chegam a perceber a relação cada vez mais intrínseca entre tecnologia e a música, percebem o mundo de virtualidades e teclas, mas não enxergam mudanças e estéticas mais ousadas que, no caso dos sons, tem levado a experiências mais relevantes na área técnica..

O mais interessante, no entanto, é perceber que a música produzida na época analisada e que hoje volta às pistas de dança, com outra roupagem, é preferida tanto por público quanto por djs na versão original. Os profissionais, que enxergam as mudanças ocorridas com os avanços tecnológicos, acreditam que ritmos diferentes estão sendo trazidos à tona e podem ser apresentados ao público em situações diferentes. Eles crêem na possibilidade de uma mesma música, com diferentes mixagens, ser escutada tanto em uma festa de debutante, numa Ploc ou em um casamento. Acham que não têm sido produzidas letras para esses diferentes tipos de eventos e que o resgate se torna importante (ou necessário) na medida em que esse vazio na produção melódica aumenta. O público, por sua vez, insiste em apontar a questão do modismo. Acredita, por exemplo, que a Ploc vem fazer ressurgir esse momento de nostalgia (muitos não enxergam a nova roupagem ou acreditam que a mixagem em algumas canções foi feita meramente para que o material pudesse ser preservado). Assim, fazendo sucesso na festa, a música conseqüentemente seria sucesso em outros eventos, como casamentos e aniversários, o que duraria apenas algum tempo. Como afirmou Elisabeth, uma entrevistada de 32 anos:

Eu me diverti muito na festa de 15 anos. A menina nem conhecia muitas músicas mas se diverti muito. O que todo mundo preferiu foram as (músicas) dos anos 80. A gente dançava e cantava muito. Mas eram pessoas de todas as idades. E acho que isso vai passar. Minha filha tem 4 anos e quando ela fizer quinze anos a gente deve ouvir o que está sendo sucesso hoje. Vamos escutar “O tchan” e rir muito, vamos escutar também os axés, e tudo vai ser divertido, mas nós vamos esquecer. Também vamos esquecer da música eletrônica.²¹

Tal fato, vale destacar, merece atenção e tem certo embasamento. Mas ao analisarmos outras tendências da música na atualidade, como a batida eletrônica presente nas *raves*, notamos que o sucesso limita-se às pistas de dança e não se faz presente- pelo menos não tão freqüentemente- em outros eventos. Ainda com relação ao depoimento da entrevistada, mesmo que algumas músicas que revivem os anos 80 tenham um caráter de

²¹ ELISABETH VALADARES, em entrevista, 2005

deboche e brincadeira, na essência muitas produções de alta qualidade foram produzidas, o que vai de encontro às músicas de determinadas bandas citadas pela entrevistada e que fazem sucesso na atualidade.

O que se percebe é uma divergência, pelo menos quanto a percepção da atuação da técnica no cotidiano, por parte dos Djs e do público que frequenta as festas em questão. Talvez pela consciência do papel que exercem socialmente, seja como profissionais do entretenimento ou como formadores de opinião, os disque-jóquei emitiram opiniões mais fundamentadas a respeito do tema proposto e buscaram um embasamento teórico que lhes permitiu afirmar mais categoricamente sobre esse processo pelo qual passa a música mundial e da forma como o próprio público se deixa imergir sem notar.

O que se percebe nestas festas é que são certamente universos muito diferentes dentro de um mesmo *revival*. As razões que levam o público em geral a procurar esses nichos nostálgicos são praticamente as mesmas, mas acredito que a relação se dê de forma diferente e o conteúdo, então, é o que mais se distingue. Não duvido que as tecnologias influenciaram na emergência da *plac's* 80 e de outras festas em todo o Brasil que viraram febre (...) acho legal você destacar o público como parte disso, embora eu acredite que as pessoas não percebam que haja essa sobreposição do som eletrostático sobre a parte cantada(letra) , elas acham que é tudo novidade.²²

A conclusão a que se chega é que tanto os artistas, aqui representados na figura dos Djs, como o público na forma dos frequentadores de festas que tematizam a “década perdida”, apesar de apresentarem uma compreensão diferente quanto ao papel da música na sociedade e do formato que vem assumindo na atualidade, são parte integrante desse processo e se complementam na hora do show.

²² LILAH ACCIOLY, em entrevista, 2005

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pretensão foi estudar e analisar de forma resumida a maneira como as novas tecnologias vêm atuando na sociedade e, para sermos mais específicos, na música. Atenta observação das novas tendências e das mudanças que o homem tem experimentado ao produzir, ouvir e sentir as canções – de todos os tempos – nos permite o mapeamento que, sem pretender ser definitivo ou saudosista, quer concluir pela evolução dos ritmos e batidas em detrimento da qualidade e conteúdo nas letras e melodias.

Um primeiro momento nos levou à análise da evolução da música, em uníssono aos anseios da sociedade, na medida em que essas novas tendências vão surgindo e os povos inovando no seu modo de pensar e agir.

A pesquisa buscou enfatizar os aspectos relativos à utilização de novos instrumentos na produção musical, atuando na gravação, manipulação e vivência dos sons e da difusão de obras em suportes gravados, o que contribuiu para aquisição de acervos e, assim, para a reprodutibilidade dos sons.

A hipótese levantada considerou que haveria um investimento na relação com as possibilidades da tecnologia mais do que com as da linguagem musical e poética. Isto teria redundado na evolução dos ritmos e batidas, contrastando com as letras das músicas e levando à emergência de festas especializadas no ritmo meramente eletrônico e ao *revival* observado em eventos que trazem de volta para as pistas sucessos que marcaram décadas passadas e, em relação a esta pesquisa, à década de 80.

Entrevistas com freqüentadores da PLOC, idealizada e realizada no Rio de Janeiro com a intenção de resgatar o que havia sido produzido no cenário musical da década em questão, mostraram que a grande massa que ouve esses sons e participa destes eventos, apesar de perceber algumas mudanças nas batidas e ritmos e na forma como as canções são passadas, parece não notar que esse fenômeno ocorre em consequência das escassas produções que se verificam na atualidade, no que diz respeito a músicas com letras e melodias mais elaboradas.

O público parece acreditar que esta é uma tendência não necessariamente da nossa era contemporânea, mas que atravessa a própria história. Ao afirmarem que a repetição de músicas de décadas anteriores é um fenômeno frequente na sociedade, parecem não despertar para as produções cada vez menos frequentes de composições em que haja um balanceamento entre letra, melodia e harmonia. Apontam a música eletrônica, fruto das novas tecnologias que permitem um som puramente sintético, como modismo e chegam a afirmar que têm tempo para durar.

Em contrapartida estão os Djs, que percebem a tecnologia como uma aliada no resgate de produções musicais antigas, ao mesmo tempo em que dizem que as mesmas possibilitam a feitura de músicas de cunho simplesmente eletrônico e de autoria de qualquer pessoa. Eles apontam realmente para um mercado fonográfico empobrecido e carente de produções mais ousadas, quando se trata de composições. Vêm o grande público como parte integrante desse processo em que a tecnologia engloba as pessoas e, a partir do momento em que a interação entre homem e máquina se torna mais simplista, fica mais difícil para as pessoas descobrir onde começa e onde termina essa relação. Assim, uma vez envolvidos numa atmosfera de nostalgia e técnica, hibridização de sons com letras já muito conhecidas, as pessoas acabam por não perceber o quanto as novas tendências influenciam as suas vidas.

Ainda em ressonância ao que foi dito pelos Djs, há que se fazer uma análise mais apurada referente à utilização dos novos suportes como meios de gravação e manipulação dos sons, a partir do momento em que a todos se torna acessível – seja pela facilidade ou mesmo pelo barateamento dos custos- a produção de música. Outros questionamentos, então, deveriam ser feitos: será que o que se produz é realmente música? E é essa uma tendência passageira ou aponta para um futuro em que as batidas, por si só, responderão pela letra e melodia das novas canções?

REFERÊNCIAS

ALZER, Luiz André & CLAUDINO, Mariana Costa. **Almanaque dos anos 80**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

AQUINO; VIEIRA, Fernando, AGOSTINO, Gilberto & ROEDEL, Hiran. **Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais- da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo**. São Paulo, Record, 3.ed., 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio D'água, 1991.

CANCLINI, Nestor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multi-culturais da globalização**. 4.ed. Rio de Janeiro: Udufrj, 1999.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Trad.: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

DÉCADA PERDIDA? Músicas dos anos 80 fazem sucesso em festas no Rio. Disponível em : http://www.cliquemusic.com.br/br/Acontecendo/Acontecendo.asp?Nu_materia=3154, acessado em 20/03/2005

DELL PRIORI, Mary & VENÂNCIO, Renato Pinto. **O livro de Ouro da história do Brasil**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 3. ed., Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

JÁ COMPROU O SEU INGRESSO PARA A PLOC'S 80? Disponível em: <http://www.fotolog.net/ploc80s>. Acessado em 01/07/2005.

LÉO Jaime fala do sucesso do Orkut e da projeção de artistas que o novo meio proporciona. Disponível em: <http://musica.aol.com.br/fornecedores/aol/2004/11/11/0003.adp>, acessado em 06/03/2005

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Trad.: Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

LEMOS, André & PALÁCIOS, Marcus (org.). **As janelas do ciberespaço**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

RÁDIOS tocam sucessos que passam de pai para filhos. Disponível em: http://www.rádios.com.br/materia_rádios.htm, acessado em 20/03/2005

SANTAELLA, Lucía. **Cultura das mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.

_____. **Arte e cultura: equívocos do elitismo**. São Paulo: Razão Social, 1995.

SLATER, D. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TUCHERMAN, Ieda. **Novas Subjetividades: conexões intempestivas in A cultura das redes**, Revista de Comunicação e Linguagens, Lisboa, Relógio d' água, 2001.

TURKLE, Sherry. **A vida no ecrã: a identidade na era da Internet**, Lisboa, Relógio d' Água, 1997.

WISNIK, J.M. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

Questionário

-Enviado e respondido por correio eletrônico aos membros da comunidade “Eu amo a PLOC’S 80”, da rede de relacionamento virtual “Orkut”.

1- VOCE COSTUMA FREQUENTAR A PLOC’S 80?

2-O QUE MAIS TE ATRAI NESTE TIPO DE FESTA? VOCE CONSIDERA QUE EXISTE UM ASPECTO DE NOVIDADE OU É MAIS UM EVENTO DITADO PELA MODA?

3- A TECNOLOGIA TEM AJUDADO BASTANTE NESSE PROCESSO DE RESGATE DAS MÚSICAS QUE FORAM SUCESSO NA DÉCADA DE 80. VOCE, QUE TEM ACESSO A INTERNET, COSTUMA “BAIXAR” MUSICAS ANTIGAS? EM CASO AFIRMATIVO, COM QUE FREQUENCIA? EM CASO NEGATIVO, CONHECE PESSOAS QUE FAZEM ISSO?

4- TAMBEM QUANTO A TECNOLOGIA- VOCE JÁ “BRINCOU DE CRIAR MUSICA” COM OS APARATOS QUE HOJE POSSIBILITAM ESSE FEITO- SAMPLERS, SINTETIZADORES?

5- AINDA QUANTO AO ACERVO MUSICAL, VOCE PREFERE ESCUTAR AS VERSOES ORIGINAIS OU GOSTA DESSA NOVA ROUPAGEM QUE ELAS TEM ADQUIRIDO?

6-VOCE ACHA QUE NOVOS PUBLICOS ESTAO SENDO FORMADOS OU SÃO APENAS OS AMANTES DOS ANOS 80 E/OU AS PESSOAS QUE VIVERAM AQUELA EPOCA QUE ESTAO CURTINDO ESSE RETORNO DO QUE FEZ SUCESSO NA CHAMADA “DECADA PERDIDA”?

7-A QUE VOCE ATRIBUI ESSA VOLTA DOS SUCESSOS DE DECADAS PASSADAS AO CENARIO MUSICAL DA ATUALIDADE?

Flyer digital da festa PLOC's 80

SEXTA 8 JULHO NA LAPA

Gravação do DVD

FESTA PLOC 80's

ROSANA **Dj's DOM LV e LADY K**

SILVINHO *Blau Blau* **Bandas**

AFONSO NIGRO *(Dominó)* **PERDIDOS NA SELVA**

EDUARDO DUSEK **INIMIGOS DO REI**

e muito mais... **Dr.SILVANA**

